

CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO

**Literatura Brasileira**

Total de créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 12 a 24 meses

Inscrições: nos meses de dezembro e julho

**Literatura Infantil**

Total de Créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 12 a 24 meses

Inscrições: nos meses de dezembro e julho

**Ensino da Língua Portuguesa**

Total de créditos necessários para conclusão do Curso: 24

Duração: 18 meses

Inscrições: durante o mês de dezembro

**Especialização em Língua Inglesa**

Total de créditos necessários para conclusão do curso: 24

Duração: 12 meses

Inscrições: dezembro

**Estudos Avançados em Língua Espanhola**

Total de créditos necessários para conclusão do curso: 24

Duração: 12 meses

Inscrições: dezembro

**Público Alvo:** candidatos com Licenciatura Plena em Letras ou áreas afins.

**Documentos para inscrição:**

2 Fotos

Xerox da Certidão de Nascimento ou Casamento

Xerox do Diploma de Graduação

Xerox do Histórico Escolar da Graduação

Xerox da Carteira de Identidade

Xerox do CPF

Curriculum Vitae

Taxa de Inscrição

Informações: fone – (51) 3320 3676

# A inserção de glide em sílaba travada por /S/

Maria Tasca  
PUCRS

“Nóis capota mais não breca”

**Resumo:** A regra variável de formação de ditongo em sílabas travadas por /S/ é o foco deste estudo. A hipótese que motivou a pesquisa é de que, contrariamente ao que se verifica em algumas regiões do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul a ditongação é um processo incipiente. Com o objetivo básico de oferecer explicações lingüísticas ou sociolingüísticas, o fenômeno foi analisado sob a perspectiva da sociolingüística laboviana (Labov, 1972, 1994). A conclusão é de que, no Rio Grande do sul, a ditongação em sílabas travadas por /S/ não seria motivada por fatores fonético-fonológicos ou sociais, e sim, estaria sendo implementada por difusão lexical.

**Palavras-chave:** Ditongação. Variação. Difusão lexical.

**Abstract:** The variable rule for diphthong formation in syllables ended by /S/ is the focus of this study. The hypothesis that motivated the research is that, opposed to what is verified in some regions of Brazil, in the State of Rio Grande do Sul the diphthongation is an incipient process. Having as the basic objective to offer linguistic or sociolinguistic explanations, the phenomenon has been analysed under the perspective of the Labovian sociolinguistics (Labov, 1972, 1994). The conclusion is that, in Rio Grande do Sul, the diphthongation in syllables ended by /S/ would not be motivated by phonological-phonetic or social factors, but that its implementation could be caused by lexical diffusion.

**Key words:** Diphthongation. Variation. Lexical diffusion.

## 1 Introdução

O processo de formação de ditongo em sílabas travadas por sibilante (nós > *nóis*; mas > *mais*) é um fenômeno antigo, constatado desde o português arcaico, e está arraigado no conhecimento popular, como mostra a máxima da epígrafe, grafada em pára-choques de veículos de transporte, geralmente em mau estado de conservação. Esse fenômeno já despertou a atenção de dezenas de estudiosos da língua portuguesa. Entretanto, não obstante o razoável número de estudos dedicados a esse tipo de ditongação, ainda desconhecemos como efetivamente se apresenta esse fenômeno na maior parte das variedades do português do Brasil, inclusive na fala de comunidades étnicas localizadas na região sul do país.

O objeto desta pesquisa é a regra variável de formação de ditongo em sílabas travadas por /S/, na fala de quatro comunidades étnicas do Estado do Rio Grande do Sul. O fenômeno é analisado sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa de origem laboviana (Labov, 1972, 1994).

Inserido no objetivo geral do Projeto VARSUL – descrever o português falado no Sul do Brasil –, este estudo tem, entre outros, os seguintes objetivos:

- oferecer explicações de caráter linguístico ou sociolinguístico para a emergência do ditongo em sílaba travada por /S/;
- buscar indícios no sentido de uma caracterização do fenômeno como variação estável ou como mudança em progresso;
- verificar se a incidência da ditongação ocorre preferencialmente em determinados itens lexicais e não em outros;
- comparar os resultados dos informantes da amostra em estudo com os de outras amostras, a fim de apontar aspectos convergentes ou divergentes relativamente ao uso da ditongação nas diferentes regiões;
- oferecer subsídios para o ensino da língua portuguesa.

A hipótese que motivou o estudo é de que, no Rio Grande do Sul, ao contrário do que ocorre em outras regiões do Brasil, a ditongação em sílabas travadas por /S/ mostra-se incipiente.

A seguir, na seção 2, apresentamos uma breve revisão da literatura sobre a abordagem teórica do ditongo e da ditongação, bem como a respeito dos estudos que tratam da ditongação como regra variável; na seção 3, caracterizamos a amostra e descrevemos as variáveis; na seção 4, realizamos a análise dos resultados; na seção 5, tentamos buscar uma explicação para o fenômeno observado e, na seção 6, apresentamos uma síntese dos aspectos mais relevantes observados na realização da pesquisa.

## 2 Ditongo e ditongação

### 2.1 Ditongo

Antes de abordarmos o fenômeno da ditongação, vamos nos referir, ainda que brevemente, à questão do ditongo no português. Embora haja outras definições fonéticas e/ou fonológicas para ditongo, adotaremos aqui a definição de Mateus e Xavier (1992, p. 132), para quem o vocábulo ditongo designa *uma seqüência vocálica, no interior de uma única sílaba, formada por uma vogal e uma semivogal, ou por uma semivogal e uma vogal, em que a vogal constitui o núcleo silábico*.

Conforme Câmara Jr. (1975) em latim não havia ditongos, *res-salvado o caso do ditongo decrescente [aw] que oscilava com [o] e do ditongo crescente [kw], se não era um mero [k] labializado*. Ainda conforme o autor, o sistema de ditongos decrescentes portugueses é quase todo de origem românica, tendo resultado de diversos processos de evolução.

A existência de ditongos em português chegou a ser posta em dúvida, em determinado momento, por Câmara Jr. (1973, p. 45): *outro problema, singularmente sério para a descrição da estrutura silábica em português, é decidir se realmente temos ditongos em nossa língua [...].* Todavia, admitindo-o, aponta um ditongo crescente e enumera onze ditongos decrescentes [ay, aw, ey, ey, ew, ew, iw, oy, oy, ow, uy], acrescentando, a seguir, um duodécimo [ow], criado pela vocalização da lateral /l/ em posição final de sílaba.

Com relação aos ditongos decrescentes, parece oportuno, dado o enfoque do presente estudo, referir a abordagem de Bisol (1989, 1994).

À luz dos princípios e convenções da teoria da sílaba, sustentada pelas modernas teorias fonológicas, a autora defende a hipótese de que o português tem duas classes de ditongos decrescentes, diferenciados pelo espaço que ocupam no nível da rima: *o ditongo pesado, o verdadeiro, associado a duas posições no tier da rima, e o ditongo leve, o falso, associado a uma só posição*. Segundo a autora, há uma estrutura subjacente para o primeiro, que é fonológico e tende a ser preservado, como em *pauta* [ˈpawta] ou *reino* [ˈreynu]; e outra para o ditongo dito leve, que é fonético e tende a ser perdido, como em *feira* [ˈfeyra ~ ˈfera] ou *peixe* [ˈpeɣi ~ peʃi].

Uma variante dessa proposta encontramos em Gonçalves e Costa (1995), que, baseando-se no estatuto fonêmico e na ocorrência no léxico, classificam os ditongos do português do Brasil em legítimos e ilegítimos.

Para estes autores, os primeiros englobam as duas categorias apontadas por Bisol; quer dizer, tanto os verdadeiros ou invariáveis, quanto os falsos ou variáveis estão incluídos nos chamados ditongos legítimos. Segundo eles, os ditongos legítimos possuem uma rima pesada, podendo a coda ser cancelada ou não na estrutura superficial: [peytu] ou [bayʃu ~ baʃu]. Já os ditongos ilegítimos surgem na estrutura superficial pela inserção de um glide em contextos tais como: entre vogais para desfazer hiatos em final de palavra [koa > kowa], entre vogal e consoante fricativa palatal [mês > meyʃ], entre vogal e travamento consonântico nasal em final de palavra, como ocorre, por exemplo, no vocábulo *homem*, no dialeto carioca. A interpretação desses autores leva à conclusão de que, enquanto nos ilegítimos opera uma regra de inserção de [y] ou [w], nos legítimos, ao contrário, opera uma regra de cancelamento do glide.

Deixando à margem as diferentes concepções para designar diferentes tipos de ditongos, o que interessa para este estudo é a formação de ditongo decrescente pela inserção do glide anterior, no contexto em que uma vogal é seguida de /S/.

## 2.2 Ditongação

Em geral os autores definem a *ditongação* como uma mudança fonética que consiste na transformação de uma vogal simples em ditongo. Nas palavras de Mateus e Xavier (1992, p. 131-2), *um segmento vocálico desdobra-se em dois segmentos, ou seja, produz-se um processo de diferenciação tímbrica (ou ditongação) no interior do segmento vocálico, dando origem ao aparecimento de uma vogal em posição pré ou pós-vocálica.*

Segundo Câmara Jr. (1978, p. 102; 1975, p. 69), um dos tipos de ditongação verificado dialetalmente no português do Brasil ocorre quando a vogal tônica final é travada por /S/ como em *pás > pais, fez > feiz, sós > sóis, etc.* Neste caso, segundo ele, *dá-se a neutralização da oposição entre ditongo e vogal simples, desaparecendo a distinção entre, por exemplo, pás e pais, sós e sóis, etc.*

Ainda que atualmente esse fenômeno seja encarado com naturalidade pelos falantes ou pelos que estudam a modalidade da língua portuguesa falada no Brasil, há registros de que no passado tal não acontecia. Facilmente encontramos exemplos que dão conta do caráter estigmatizante que se atribuía a esse tipo de ditongação.

Melo (1975), ao apresentar um panorama do que ele considerava a *loquela vulgar* e, ao defender que a língua popular brasileira seria substancialmente o português arcaico, transformado em cer-

tos aspectos pela atuação dos índios e negros, relacionou, entre outras características dessa modalidade lingüística, alguns exemplos de ditongação: *nóis temo* (p. 99); *faiz isso* (p. 100) *nóis tudo, nóis se amava* (p. 110); *feiz eu* (p. 111).

Elia (1976, p. 178-225), ao realizar um levantamento dos traços fonéticos da língua portuguesa falada nas diferentes regiões do Brasil, a partir de estudos desenvolvidos por vários autores, afirma que o *alargamento em ditongo de vogal tônica seguida de sibilante*, a par de outros aspectos, é considerado por esses autores um desvio popular da norma padrão. Dentre os exemplos registrados pelos estudos aparecem: *rapaiz, paiz, faiz, mais* (conj.), *capaiz, péis, giiz, feroiz, luiz, meis, nóis, veiz, arrois, feiz, etc.* Ainda segundo Elia, o desenvolvimento de um iode entre a vogal tônica e o /S/ final, palatalizado ou não, atinge também a fala culta, exceto de São Paulo para o Sul, onde só ocorre em falantes pouco escolarizados.

Como podemos constatar, tanto nos depoimentos de Melo quanto nos de Elia, a inserção do glide anterior antes de /S/ foi considerada uma característica da fala popular ou das camadas menos privilegiadas socioculturalmente.

Marroquim (1934, p. 39), em seu estudo da variante popular de Alagoas e Pernambuco, ao descrever a vogal *a* em posição tônica seguida de /S/, estabelece a diferença entre a fala popular e a fala culta não pelo processo de inserção do glide após o *a* (*rapaz > rapaiz*) e sim pelo apagamento da sibilante que trava a sílaba (*rapaz > rapai*). Em outra passagem (p. 206), incluindo também os contextos tônicos de *e* e *i*, afirma: *traz, faz como inglês, mês, fiz e todos os nomes terminados em az, ez, iz, etc. alargam-se tomando um i depois da tônica. Trais, faiz, inglesis, fiis, etc. assim fala a classe culta. Os matutos e iletrados eliminam o s final e pronunciam inguelei, mei, fii, trai, fai, pois, no dialeto, nenhuma palavra termina por consoante, a não ser o s indicativo de pluralidade. Após registrar formas verbais como tu fai, ele fai, nói fai, voi fai, eles fai, Marroquim se pergunta se essas formas são resultado das modificações fonéticas da língua popular, se têm origem em fatores geográficos e étnicos, ou são formas do português arcaico aqui enquistadas no falar das populações do interior* (p. 68).

Furlan (1995), referindo-se a aspectos da influência açoriana no português de Santa Catarina, afirma que, *no açoriano catarinense*, a ditongação em sílaba travada por sibilante *ocorre apenas com os falantes que pronunciam o/S/ como fricativa ápico dental* (p. 170). Ressalta que o fenômeno não teria sido introduzido pelos açorianos que povoaram o lugar, e sim, ter-se-ia desenvolvido nessa região como resultado de um processo evolutivo independente que se processou junto

com a palatalização do /S/, ou em fase posterior, mesmo supondo que a palatalização do /S/ tenha sido introduzida por eles. Como sabemos, no português europeu, essa ditongação não é registrada, senão em pequenas áreas, como de fato constatou Maia (1977), que, ao descrever falares fronteiriços de Portugal, registrou ocorrências do tipo *faiz*, *traiz*, *treis*, mais (conj.), dentre outras.

### 2.3 Formação de ditongo como regra variável

Relativamente ao comportamento da regra variável de formação de ditongo, já existem vários estudos que descrevem modalidades de fala do português brasileiro, especialmente em trabalhos de mestrado, como os de Mello (1994)<sup>1</sup> e Leiria (1995).<sup>2</sup>

O estudo de Mello analisou dados da fala de quatro comunidades étnicas do Rio Grande do Sul: Santana do Livramento (fronteira), Taquara (colonização alemã), Monte Bérico (colonização italiana) e Porto Alegre (capital). A autora constatou que a formação de ditongo em sílaba travada por /S/ foi favorecida por fatores tais como: a) extensão da palavra (os vocábulos monossílabos, contrariamente aos demais vocábulos, revelaram-se fortes condicionadores); b) qualidade da sílaba quanto à acentuação (a sílaba tônica teve um desempenho quase categórico); c) sândi externo (a presença de sândi, contrariamente à sua ausência, exerceu influência positiva); d) a posição da variante no vocábulo (a posição final de vocábulo – última sílaba – revelou-se contexto mais propício para a aplicação da regra); e) etnia (variável social que apresentou resultados expressivos, com ênfase para os alemães). No estudo dessa autora, apenas duas variáveis, dentre as testadas, não se revelaram favorecedoras do processo da ditongação: a categoria da vogal da base e o sexo.

Já o estudo de Leiria foi realizado a partir de uma amostra monolíngüe, envolvendo falantes das três capitais da região sul do país (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre). A autora analisou a inserção do glide anterior em sílaba final acentuada, travada por /S/. Das oito variáveis independentes controladas, apenas a variável sexo foi excluída pela análise quantitativa. As demais variáveis foram escolhidas na seguinte ordem de relevância: a) variedade geográfica (com favorecimento em Curitiba e Florianópolis); b) qualidade da

vogal da base (sendo favorecedoras, pela ordem, as vogais e, a, e); c) ponto de articulação da sibilante coronal (tendo-se revelado mais produtiva a sibilante alveolar em detrimento da fricativa palatal); d) grau de escolaridade (a faixa intermediária revelou-se mais favorecedora do que as faixas de menor e maior escolaridade); e) sândi externo (a existência de sândi externo é favorecedora); f) faixa etária (com os mais velhos ditongando mais que os mais jovens); g) status morfológico da sibilante (com algum favorecimento da raiz sobre o sufixo).<sup>3</sup>

Além dos estudos que resultaram em dissertações de mestrado, existem outras publicações mais recentes, em geral em forma de artigo, como são os trabalhos de Leite, Callou e Moraes (2003), de Aquino (2004), entre outros.

Em artigo sobre processos de mudança em curso no português do Brasil, analisando dados de fala da cidade do Rio de Janeiro, extraídos do *corpus* do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC), Leite, Callou e Moraes destacaram, dentre outros processos, a formação de ditongo pela implementação do glide anterior. Com o objetivo de realizar uma análise em tempo real, os autores analisaram amostras de dois períodos distintos, isto é, década de setenta e década de noventa. Os fatores estruturais que foram selecionados nas amostras são, pela ordem de seleção: vogal precedente (com a vogal alta inibindo, as médias abertas e a média anterior fechada favorecendo e a vogal baixa exercendo um papel neutro), tipo de realização fonética da sibilante (com a variante palatalizada favorecendo), dimensão do vocábulo (com os monossílabos favorecendo) e localização do acento lexical (com a sílaba tônica favorecendo). Esse estudo, além de confirmar que a ditongação é uma tendência bastante forte no dialeto carioca, mostrou que, embora a variante palatalizada do arquifonema /S/ seja predominante, realizações alveolares, aspiradas e também ocorrem, principalmente em final de palavra.

Em artigo publicado mais recentemente, Aquino (2004), analisou dados de fala da comunidade de João Pessoa, extraídos do Projeto Variação Lingüística do Estado da Paraíba (VALP). Relativamente à variável *qualidade da vogal*, observamos que, no estudo da autora, a vogal /a/ aparece com pesos relativos mais elevados, divergindo, portanto, do estudo de Leite, Callou e Moraes, onde esta vogal, como vimos, teve papel neutro. Outro aspecto revelado na pesquisa de Aquino, igualmente observado por Leiria, é que a ditongação é mais favorecida pelos falantes mais velhos.

<sup>1</sup> O *corpus* utilizado por Mello foi organizado por Bisol no final da década de setenta. Recentemente, a equipe do Projeto VARSUL da PUCRS digitou o referido material, integrando-o ao Banco de Dados deste Projeto.

<sup>2</sup> O *corpus* utilizado por Leiria foi extraído do Banco de Dados do Projeto VARSUL, organizado por quatro universidades (UFRGS, UFSC, UFPR e PUCRS) ao longo da década de noventa.

<sup>3</sup> Um artigo-resumo do trabalho de Leiria foi publicado em 2000, na revista *Organon*, v. 14, n. 28 e 29.

Como podemos depreender dos estudos aqui relacionados, embora nem sempre exista coincidência relativamente aos fatores que condicionam a ditongação no português do Brasil, constatamos que há consenso quanto ao papel condicionador exercido pelos monossílabos, pela sílaba tônica e pela faixa etária que inclui os mais velhos.

Através da análise de um *corpus* representativo de quatro cidades do Rio Grande do Sul, o presente estudo busca analisar mais detalhadamente o estatuto da ditongação na variedade do Sul. De como se manifesta o fenômeno, isto é, se está em franca propagação, ou se, ao contrário, se mostra incipiente ou, ainda, se está restrito a alguns itens lexicais, é o que veremos adiante.

### 3 Aspectos metodológicos

Os dados que são objeto de análise pertencem ao acervo do Banco VARSUL. A amostra é constituída por 80 informantes, distribuídos em número de vinte para cada uma das quatro comunidades observadas: Porto Alegre (monolíngües de ascendência açoriana), Flores da Cunha (bilíngües de colonização italiana), Panambi (bilíngües de colonização alemã) e São Borja (habitantes da fronteira com a Argentina, país de fala espanhola).

Considerando que nas entrevistas existe um número muito elevado de ocorrências de sílabas travadas por sibilante, estipulamos que seriam ouvidas as 120 primeiras ocorrências de cada entrevista. Um teste prévio havia mostrado que há uma constância no desempenho dos informantes relativamente aos itens ditongados.<sup>4</sup> De um total de 10 544 ocorrências, houve 413 ditongações.

Como foi dito na introdução, a hipótese que norteia este estudo é de que no Rio Grande do Sul, diferentemente de outras regiões do país, a ditongação em sílaba travada por sibilante é incipiente.

Além dessa hipótese básica, outras são levadas em conta, tais como:

□ falantes monolíngües apresentam maior tendência à ditongação do que bilíngües;

□ falantes mais jovens tendem a ditongar mais que falantes mais velhos;

□ falantes com maior grau de instrução ditongam menos do que os falantes com baixa escolaridade;

□ a vogal baixa desempenha papel mais decisivo que as outras vogais na formação do ditongo;

<sup>4</sup> No levantamento dos dados relativos aos informantes das quatro cidades, a autora foi auxiliada pelos seguintes bolsistas do PET-Letras (SESU): Ana Luíza Loder, Márcio Limberger, Patrícia Scheeren e Regina Diesel Gomes.

□ sílabas tônicas favorecem mais o processo em estudo do que sílabas átonas;

□ morfemas flexionais apresentam frequência maior de ditongação do que morfemas não flexionais;

□ a ditongação ocorre em certos itens lexicais e não em outros que exibem o mesmo contexto fonético.

Para descrever em termos quantitativos o fenômeno em estudo, estabelecemos que o valor de aplicação da regra variável é a formação de ditongos em sílabas travadas por /S/.

As variáveis independentes e os grupos de subfatores que as compõem, estão discriminados no Quadro 1.

Quadro 1  
As variáveis lingüísticas e sociais

Variáveis lingüísticas		
	função	subfatores
tonicidade da sílaba	controla o papel do acento	sílaba tônica ( <i>rapaz</i> ) sílaba átona na palavra ( <i>lascar</i> ) palavra átona ( <i>nas calçadas</i> )
status morfológico	controla o tipo de morfema que oferece contexto para a ditongação	raiz ( <i>pasta, mas, vez</i> ) derivação ( <i>surfista</i> ) flexão ( <i>peças, cantas</i> )
vogal da base	controla o tipo de vogal da sílaba travada por sibilante	vogal baixa ( <i>atrás</i> ) vogal anterior ( <i>giz, mês, gesto</i> ) vogal posterior ( <i>luz, ostra, nós</i> )
Variáveis sociais		
faixa etária	controla a idade dos informantes	de 25 a 39 anos de 40 a 55 anos a partir de 56 anos
cidade	controla a cidade de origem do informante	Porto Alegre (POA) Flores da Cunha (FC) Panambi (PAN) São Borja (SB)
gênero	controla o sexo dos informantes	masculino feminino
escolaridade	controla o grau de instrução dos informantes	primário (de zero a 4 anos de escolaridade) II grau completo

#### 4 Análise dos resultados

Uma vez codificados, os dados foram submetidos a uma primeira rodada geral do VARBRUL. Das sete variáveis analisadas, duas revelaram-se categóricas: a variável *tonicidade* (todas as ditongações registradas ocorreram em sílaba tônica) e a variável *status morfológico* (todas as ditongações localizaram-se na raiz, embora uma de nossas hipóteses tivesse previsto um número maior de ditongações nos morfemas flexionais). Essas variáveis foram excluídas, portanto, do estudo. A variável *escolaridade*, ao contrário do esperado, não foi selecionada pelo programa nesta rodada, tendo apresentado pesos relativos muito próximos ao ponto neutro (0,51 para o primário e 0,49 para o II grau).

**Tabela 1**  
Resultados das variáveis selecionadas na 1ª rodada

1ª variável selecionada: vogal da base			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
vogal baixa	320/3037	11	0,84
vogais posteriores	26/3556	1	0,25
Vogais anteriores	67/3951	2	0,43
2ª variável selecionada: cidade do informante			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
Flores da Cunha	91/2653	3	0,46
Porto Alegre	169/2659	6	0,64
Panambi	84/2664	3	0,47
São Borja	69/2568	3	0,43
3ª variável selecionada: faixa etária			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
de 25 a 39 anos	162/3000	5	0,57
de 40 a 55 anos	141/3843	4	0,50
a partir de 56 anos	110/3701	3	0,44
4ª variável selecionada: gênero			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
masculino	217/5398	4	0,53
feminino	196/5146	4	0,47
<b>TOTAL</b>	<b>413/10544</b>	<b>4</b>	

Input: 0,03

Significância: 0,015

As demais variáveis foram selecionadas na seguinte ordem: *vogal da base*, *cidade*, *faixa etária* e *gênero*. O desempenho de cada variável aparece no conjunto de tabelas designado por Tabela 1, constando ao final do mesmo os números dos totais de ocorrências e aplicações, bem como os números relativos ao input e à significância.

Ao observar o desempenho altamente significativo do subfator *vogal baixa* (0,84) no conjunto de subfatores que compõem a variável *vogal da base*, decidimos examinar o arquivo de dados, a fim de verificar a distribuição dos itens lexicais em que houve ditongação. Esse procedimento nos revelou que a grande maioria das ditongações com a vogal /a/ na base ocorre com a conjunção *mas*, fato que nos levou a fazer nova rodada como veremos adiante.

Outro aspecto a ser destacado na Tabela 1 é o favorecimento da ditongação pelos monolíngües de Porto Alegre (0,64), parecendo, à primeira vista, confirmar uma de nossas hipóteses.

Contrariamente ao que foi observado pela grande maioria dos que pesquisaram o assunto, nesta primeira rodada os números mostram que os mais jovens aplicam mais a regra da ditongação do que os mais velhos.

Como dissemos, em virtude de termos observado que o item *mas* aparecia com uma frequência muito superior aos demais itens cuja vogal da base também era /a/, havemos por bem realizar uma segunda rodada, subtraindo, desta vez, toda ocorrência da palavra *mas* e excluindo as variáveis *tonicidade* e *status morfológico* por terem-se revelado categóricas. Tal procedimento trouxe mudanças consideráveis em relação aos resultados da rodada anterior, ocorrendo uma nova seleção de fatores, como podemos constatar no conjunto de tabelas designado por Tabela 2.

A Tabela 2 mostra que houve uma inversão no peso das vogais; as vogais anteriores aparecem agora com valores mais expressivos (0,60), seguidas da vogal baixa (0,52). Tal fato era esperado, pois a palavra *três* é, depois da palavra *mas*, a que registra maior número de aplicações, conforme veremos adiante, na 3ª rodada, quando individualizaremos os resultados por cidade (cf. Tabelas 3, 4, 5 e 6).

**Tabela 2**  
Resultados das variáveis selecionadas na 2ª rodada

1ª variável selecionada: escolaridade			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
Primário (até 4 anos)	80/4951	2	0,58
II grau completo	40/4881	1	0,42
2ª variável selecionada: vogal da base			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
vogal baixa	28/2324	1	0,52
vogais anteriores	67/3951	2	0,60
Vogais posteriores	25/3557	1	0,38
3ª variável selecionada: gênero			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
masculino	80/5088	2	0,57
feminino	40/4744	1	0,42
4ª variável selecionada: cidade			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
Flores da Cunha	40/2473	2	0,58
Porto Alegre	31/2484	1	0,53
Panambi	36/2486	1	0,57
São Borja	13/2383	1	0,32
<b>TOTAL</b>	<b>120/9832</b>	<b>1</b>	

Input: 0,01

Significância: 0,003

Mas ainda com relação ao papel da *vogal da base*, devemos registrar que, não só não houve consenso entre os autores dos estudos anteriormente referidos, como não há consenso entre este estudo e qualquer outro. Isso pode estar sinalizando para o valor neutro da vogal relativamente ao processo de ditongação. Tal suposição pode ser corroborada através da comparação do desempenho da variável *cidade*. Conforme vimos na rodada geral (Tabela 1), foram os monolíngües de Porto Alegre que ditongaram mais; porém, ao excluir o item *mas* na segunda rodada (Tabela 2), os bilíngües italianos de Flores da Cunha ultrapassaram os monolíngües da capital. Essa inversão parece estar mostrando que o responsável pelos resultados da ditongação em Porto Alegre é o item *mas* e não o tipo de vogal da base, conforme pareciam indicar os resultados da Tabela 1.

Por outro lado, a variável *escolaridade*, que na primeira rodada não foi selecionada, aparece agora como o fator mais influente da ditongação. Estaria se confirmando aí uma de nossas hipóteses segundo a qual, em termos gerais, os menos escolarizados praticariam mais a ditongação (cf. também Tabelas 3 e 4) ou teria sido a ditongação do item *mas* implementada por eles?

Já a variável *faixa etária*, que na primeira rodada fora selecionada como a 3ª na ordem de relevância, sequer é selecionada aqui, apresentando pesos relativos próximos ao ponto neutro (0,47 para a faixa entre 25 e 39 anos; 0,54 para a faixa entre 40 e 55 anos e 0,48 para a faixa acima dos 56 anos). Esses resultados parecem apontar para uma indefinição do papel desta variável. Acrescente-se a isso o fato de, no exame individual das quatro cidades (cf. Tabelas 3, 4, 5 e 6), a variável *faixa etária* ter sido apontada como favorecedora apenas em Flores da Cunha (cf. Tabela 5). O mesmo poderia ser dito para a variável *gênero* que, não obstante ter sido selecionada agora em terceiro lugar pelo programa, verificaremos, logo adiante, que, nos resultados individuais das quatro cidades (Tabelas 3, 4, 5 e 6), essa variável só foi escolhida como relevante em Flores da Cunha. A variável *cidade* continua selecionada aqui, mas aparece como a última em termos de relevância.

Ainda que a seleção da variável *escolaridade* pudesse ter correspondido a uma de nossas hipóteses, a observação de alguns fatos ocorridos na segunda rodada, tais como a não-seleção da variável *faixa etária* e o baixo desempenho dos monolíngües de Porto Alegre em comparação com os bilíngües de Flores da Cunha e Panambi, não nos deixou em situação confortável. Em vista disso, decidimos fazer uma 3ª rodada, constituindo agora a variável de controle *item lexical* e controlando seu desempenho em cada cidade da amostra.

Trabalhamos, portanto, com quatro variáveis: item lexical e três variáveis sociais (gênero, idade e escolaridade). Como poderemos conferir nas Tabelas 3, 4, 5 e 6, onde aparecem os resultados de cada uma das cidades, são poucos os itens lexicais que apresentaram ocorrências de ditongação. Para fins de análise, a variável *item lexical* foi constituída pelos seguintes subfatores: *mas, três, nós, vez, dez, verbo* (aqui estão amalgamadas três formas verbais: *faz, fez, traz*) e *outros* (incluindo aqui os itens: *rapaz, atrás, arroz, luz, mês, através*).<sup>5</sup>

Importa lembrar que, nesta terceira rodada, o número de ocorrências aparece significativamente reduzido, uma vez que se restringe aos itens lexicais que apresentaram ditongações.

<sup>5</sup> Havia mais dois itens (*sexta e desde*) que, por apresentarem uma única ocorrência em toda a amostra, foram desconsiderados na análise.

**Tabela 3**  
Resultados da cidade de Porto Alegre

1ª variável selecionada: <i>item lexical</i>			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
mas	138/175	79	0,93
três	8/43	19	0,40
nós	5/73	7	0,18
vez	2/56	4	0,10
verbo	4/55	7	0,18
dez	1/19	5	0,15
outras	11/88	13	0,30
2ª variável selecionada: <i>escolaridade</i>			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
de zero a 4 anos	88/271	32	0,57
II grau completo	81/238	34	0,42
<b>TOTAL</b>	<b>69/509</b>	<b>33</b>	

Input: 0,25

Significância: 0,022

O primeiro aspecto a ser observado na Tabela 3 são os valores dos pesos relativos atribuídos ao item *mas*. O desempenho quase categórico de *mas* (0,93), distanciando-se de modo significativo dos demais itens em foco, parece indicar que não estamos diante de uma regra variável.

Considerando que, em Porto Alegre, em termos significativos, a ditongação ocorre apenas no item *mas*, é possível supor que os falantes dessa comunidade são os implementadores do fenômeno a partir desta palavra, difundindo-se o mesmo da capital para o interior, conforme refere Malmberg (1954) e, ainda, tal implementação dar-se-ia a partir dos menos escolarizados, de acordo com a hipótese de Kroch (1976).

Por outro lado, as variáveis *faixa etária* e *gênero* não foram selecionadas pelo programa para a cidade de Porto Alegre. Levando em conta que a variável *faixa etária* já não fora selecionada na 2ª rodada, onde omitimos o item *mas*, isso poderia estar sinalizando que a mudança não teria relação com essa variável. Esta hipótese é também corroborada pelos resultados da análise do desempenho individual apresentado mais adiante, nos quadros 2 e 3, onde observamos a não-pertinência das variáveis sociais no uso da ditongação.

Passemos agora à Tabela 4 que apresenta os resultados da cidade de Panambi.

**Tabela 4**  
Resultados da cidade de Panambi

1ª variável selecionada: <i>item lexical</i>			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
mas	48/178	27	0,72
três	16/49	33	0,77
nós	8/124	6	0,32
vez	4/38	11	0,42
verbo	2/38	5	0,28
dez	2/16	13	0,48
outras	4/48	5	0,25
2ª variável selecionada: <i>escolaridade</i>			
subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
de zero a 4 anos	57/292	20	0,57
II grau completo	27/232	12	0,41
<b>TOTAL</b>	<b>84/524</b>	<b>16</b>	

Input: 0,13

Significância: 0,010

Como lemos na Tabela 4, em Panambi, a exemplo do que ocorreu em Porto Alegre, as variáveis selecionadas foram, na ordem, *item lexical* e *escolaridade*. Todavia, com relação à variável *item lexical*, já não se observa o predomínio quase absoluto de ditongação do *mas*; ao contrário, aparece um concorrente, o item *três*, cujos pesos relativos (0,77) superam os daquele (0,72). Estariam os bilíngües alemães implementado a ditongação do item *três*? E, à semelhança do que observamos em Porto Alegre, seriam as pessoas com menor grau de instrução as maiores responsáveis pela implementação da forma ditongada *treis*? Talvez. Será necessário um volume maior de dados para dar validade à hipótese.

Quanto ao desempenho dos demais itens, os números estão abaixo do ponto neutro, conforme já havíamos registrado também nos resultados de Porto Alegre.

A próxima cidade a ser analisada é Flores da Cunha, cujos resultados aparecem na Tabela 5.

**Tabela 5**  
Resultados da cidade de Flores da Cunha

1ª variável selecionada: gênero

subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
masculino	70/262	27	0,69
feminino	21/270	8	0,32

2ª variável selecionada: item lexical

subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
mas	50/179	28	0,69
três	11/45	24	0,68
nós	8/150	5	0,29
vez	4/25	16	0,48
verbo	11/64	17	0,55
dez	3/19	16	0,52
outras	4/50	8	0,27

3ª variável selecionada: faixa etária

subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
de 25 a 39 anos	65/225	25	0,63
de 40 a 55 anos	11/118	9	0,43
a partir de 56 anos	15/159	9	0,35
<b>TOTAL</b>	<b>84/524</b>	<b>16</b>	

Input: 0,12

Significância: 0,001

Os resultados da cidade de Flores da Cunha apresentam sensíveis contrastes, se comparados com os de Porto Alegre e Panambi. Ao contrário do que ocorreu nestas duas cidades, em Flores da Cunha não é selecionada a variável *escolaridade*, mas, em compensação, a variável *faixa etária* aparece pela primeira vez na análise individual das cidades, mostrando, em consonância com a rodada geral (Tabela 1), que os mais jovens aplicam mais a regra da ditongação. Todavia, por ser esta a única cidade em que a variável *faixa etária* foi considerada relevante, não é possível supor que a mudança em questão tenha essa variável como propulsora no sul do país.<sup>6</sup> Também é a

<sup>6</sup> Na distribuição dos sujeitos em três faixas etárias, não foi possível, nas cidades de Flores da Cunha e Panambi, manter perfeito equilíbrio no número de informantes em cada faixa, ocorrendo uma concentração maior na faixa dos mais jovens em Flores da Cunha e uma concentração maior na faixa intermediária em Panambi. À primeira vista poderíamos suspeitar de que esse fato teria interferido nos resultados

única, dentre as quatro cidades, em que a variável gênero foi selecionada e, mais que isso, selecionada como a mais relevante, tendo os homens como fator de implementação da mudança. O fato de os homens liderarem o processo, estaria de acordo com as descobertas da sociolinguística, pois, se a variante ditongada tem sido estigmatizada entre nós, não poderíamos esperar que as mulheres fossem as promotoras do fenômeno.

Mas ao lado dessas disparidades, há também semelhanças entre Flores da Cunha e as duas cidades anteriormente analisadas. Essas semelhanças localizam-se na variável *item lexical*, confirmando o predomínio do item *mas* (0,69), todavia com apenas um ponto acima do item *três* (0,68). A pequena diferença entre os pesos relativos correspondentes às palavras *mas* e *três* também foi registrada, como vimos, nos resultados de Panambi (cf. Tabela 4).

Por fim, apresentamos os resultados da última das quatro cidades, expostos na Tabela 6.

**Tabela 6**  
Resultados da cidade de São Borja

Única variável selecionada: item lexical

subfatores	aplicação / total	%	peso relativo
mas	56/179	31	0,84
três	3/35	9	0,53
nós	3/86	3	0,30
vez	2/48	4	0,34
verbo	3/53	6	0,42
dez	1/14	7	0,48
outras	1/90	1	0,12
<b>TOTAL</b>	<b>69/505</b>	<b>14</b>	

Input: 0,08

Significância: 0,000

Como mostra a Tabela 6, em São Borja apenas uma variável mostrou-se relevante; justamente a que foi selecionada em todas as cidades. Novamente confirma-se a liderança na ditongação do item *mas*, seguido pelo item *três*, ratificando a pertinência desta variável, através da qual foi possível estabelecer como ocorre o processo de ditongação no Rio Grande do Sul.

dessa variável, mas parece pouco provável, pois apenas em Flores da Cunha a variável foi selecionada.

Vemos que São Borja ostenta o segundo maior peso relativo na ditongação de *mas*, ultrapassado apenas por Porto Alegre. Tal desempenho corresponde às expectativas, uma vez que São Borja, não obstante ser uma cidade fronteiriça, é, dentre as três cidades do interior, a menos marcada do ponto de vista étnico, ao contrário do que se verifica em Panambi e Flores da Cunha.

A análise dos dados das quatro cidades separadamente permitiu observar uma constância relativamente aos itens ditongados; as palavras *mas* e *três* encabeçam a ditongação tanto na capital do Estado quanto no interior, ocupando o *mas*, em regra, a primeira posição, a não ser em Panambi, onde é superado por uma pequena diferença pelo item *três*.

Após ter constatado que, em todas as cidades da amostra, os itens *mas* e *três*, nesta ordem, foram os únicos que exibiram números expressivos na aplicação da regra de ditongação, surgiu a pergunta: como se dá esse processo nos indivíduos? A fim de responder à questão, examinamos o desempenho de cada informante relativamente aos dez itens lexicais que haviam apresentado mais de uma aplicação no *corpus*. São eles: *mas*, *três*, *vez*, *traz*, *faz*, *rapaz*, *nós*, *dez*, *atrás*, *fez*.

Destacamos, no Quadro 2, os resultados obtidos de cada informante, relativamente aos itens *mas* e *três* nas cidades de Porto Alegre e São Borja, comunidades onde o item *mas* alcançou os pesos relativos mais significativos.

Como dissemos, o Quadro 2 exhibe o desempenho individual dos informantes das cidades de Porto Alegre e São Borja. Relativamente ao item *mas*, enquanto em Porto Alegre há 11 informantes com percentual máximo de ditongação das ocorrências havidas, em São Borja há apenas um informante com tal desempenho para o mesmo item. No sentido oposto, considerando ainda o item *mas*, encontramos quatro informantes com percentual zero em São Borja e apenas um informante com esse percentual em Porto Alegre.

**Quadro 2**  
Resultados da ditongação dos itens *mas* e *três*  
por informante nas cidades de Porto Alegre e São Borja

Porto Alegre					São Borja				
Nº Inf.	Itens lexicais				Nº Inf.	Itens lexicais			
	mas		três			mas		três	
	ocorr.	%	ocorr.	%		ocorr.	%	ocorr.	%
01	1/3	33	0/3	0	0/1	4/6	67	2/3	67
02	7/7	100	0/2	0	02	4/11	36	0/2	0
03	10/10	100	3/3	100	03	6/10	60	0/1	0
04	7/7	100	0/4	0	05	0/8	0	0/0	0
05	5/5	100	0/1	0	08	0/7	0	0/2	0
06	5/7	71	0/3	0	09	7/8	87	0/0	0
07	1/3	33	3/3	100	10	1/7	14	1/5	20
08	12/12	100	0/5	0	11	3/9	33	0/1	0
10	5/9	55	0/3	0	12	2/3	67	0/2	0
12	12/12	100	0/0	0	13	3/15	20	0/1	0
15	5/7	71	0/0	0	14	2/8	11	0/0	0
16	6/11	54	0/1	0	16	3/6	50	0/1	0
17	0/11	0	0/2	0	17	1/4	25	0/0	0
18	2/2	100	0/2	0	18	0/6	0	0/0	0
19	5/12	42	1/2	50	19	1/2	50	0/0	0
20	12/12	100	0/1	0	21	4/4	100	0/0	0
21	3/5	60	1/4	25	22	0/4	0	0/4	0
22	13/13	100	0/0	0	23	2/11	18	0/4	0
23	19/19	100	0/4	0	24	10/14	71	0/1	0
24	8/8	100	0/0	0	25	3/26	11	0/3	0

Portanto, os resultados expostos no Quadro 2 mostram que, não obstante o item *mas* apresentar, na cidade de Porto Alegre, pesos relativos quase categóricos (0,93), conforme consta na Tabela 3, o processo de ditongação desta palavra está concentrado em alguns indivíduos, não sendo restringido, todavia, por variáveis sociais, como *faixa etária*, *escolaridade* e *gênero*, conforme pudemos observar através do desempenho individual dos informantes.

Com relação ao item *três*, a inserção do glide revela-se bastante incipiente; há dois sujeitos com percentual máximo de ditongação

nas ocorrências de Porto Alegre e apenas um em São Borja. Considere-se, além disso, que apenas quatro informantes em Porto Alegre e dois em São Borja registram ocorrências de ditongação de *três*.<sup>7</sup>

No Quadro 3, a seguir, estão expostos os resultados do desempenho individual dos sujeitos de Panambi e Flores da Cunha, também no que diz respeito à ditongação dos itens *mas* e *três*.

Quadro 3

Resultados da ditongação dos itens *mas* e *três* por informante nas cidades de Panambi e Flores da Cunha

Nº inf.	Panambi				Nº inf.	Flores da Cunha			
	Itens lexicais					Itens lexicais			
	mas		três			mas		três	
	ocorr.	%	ocorr.	%		ocorr.	%	ocorr.	%
2	0/10	0	0/0	0	1	1/11	9	0/6	0
3	4/7	57	0/0	0	3	1/7	14	1/2	50
4	8/9	89	2/3	67	4	2/11	18	0/3	0
6	0/12	0	0/0	0	5	0/7	0	0/1	0
8	1/6	17	0/0	0	6	0/9	0	0/1	0
9	4/14	29	0/3	0	7	9/16	56	0/0	0
10	0/13	0	2/3	67	8	7/8	88	0/6	0
11	7/10	70	0/1	0	9	1/6	17	1/1	100
12	1/8	12	1/1	100	10	1/12	8	0/1	0
14	0/5	0	1/1	100	12	2/8	25	0/0	0
15	0/5	0	1/1	100	13	1/10	10	0/3	0
16	7/16	44	1/4	25	14	1/9	11	0/1	0
17	1/9	11	2/2	100	15	3/16	19	0/2	0
18	3/12	25	0/4	0	16	0/8	0	0/4	0
20	4/11	36	0/6	0	18	0/4	0	3/5	60
21	0/5	0	1/4	25	19	0/5	0	2/5	40
22	1/3	33	1/2	50	20	0/2	0	0/0	0
23	1/12	8	0/0	0	21	15/16	94	2/2	100
24	6/8	75	4/10	40	22	2/10	20	2/2	100
25	0/3	0	0/4	0	24	4/4	100	0/0	0

<sup>7</sup> Poderíamos fazer uma observação a respeito do desempenho do item *vez*. Ainda que esse item não apareça entre os itens examinados no quadro 2, uma vez que aí apenas nos interessava o desempenho dos itens *mas* e *três*, observamos que, não obstante ter apresentado um número de ocorrências superior ao item *três*, seu percentual não ultrapassou os 4%.

Podemos observar que os informantes das cidades de Panambi e Flores da Cunha apresentam algumas diferenças em relação aos das outras duas comunidades constantes no Quadro 2, mas principalmente em relação aos informantes de Porto Alegre.

Ainda que o índice de ditongação de *mas* se mantenha elevado nas duas comunidades, em Panambi nenhum informante alcançou o percentual máximo de ditongação desse item e, em Flores da Cunha, apenas um informante ditongou todas as ocorrências. Já com relação ao item *três*, embora o número de ocorrências não seja expressivo, constatamos um avanço significativo no processo de ditongação nas duas cidades; em Panambi, onde os pesos relativos atribuídos ao item *três* superam os do item *mas*, conforme vimos na Tabela 4, há quatro sujeitos que atingiram o percentual máximo de ditongação das ocorrências registradas. Desempenho semelhante foi registrado em Flores da Cunha onde três sujeitos ditongaram todas as ocorrências.

O exame do desempenho individual dos informantes das quatro cidades sugere que, no Rio Grande do Sul, a ditongação que se observa em certos itens lexicais não se encontra generalizada, antes, concentra-se em alguns indivíduos, independente, como dissemos, do grau de instrução, do gênero ou da faixa etária; observa-se ainda que, dentre os itens examinados, a ditongação de *mas* está mais difundida em Porto Alegre e em São Borja, enquanto a ditongação de *três* avança mais em Panambi e em Flores da Cunha, superando, no caso de Panambi, a frequência de *mas*.

Além desses aspectos, parece importante retomar a questão do desempenho da variável vogal da base, que, não obstante ter sido selecionada pelo programa como a variável mais influente na rodada geral (Tabela 1) e como a segunda na rodada sem o item *mas* (Tabela 2), a análise dos resultados da variável *item lexical* (Tabelas 3, 4, 5 e 6) e do desempenho individual dos informantes (Quadros 2 e 3), não nos autoriza sugerir, com segurança, a influência dessa variável no processo de ditongação. Se houvesse tal influência, os itens *traz*, *faz* e *atrás* deveriam ter apresentado desempenhos aproximados ao do item *mas* e, de igual modo, os itens *vez* e *fez* deveriam ter revelado desempenho semelhante ao de *três*, o que não ocorreu.

Relativamente ao papel da variável *vogal da base*, constatamos que, nos estudos variacionistas realizados, nem sempre essa variável tem-se revelado fator influente no processo em questão. Como vimos na seção 2.3, na pesquisa de Mello, essa variável sequer foi selecionada pelo programa; no estudo de Leiria, a variável mostrou o favorecimento das vogais médias anteriores e da vogal baixa; já no estudo em que Leite, Callou e Moraes analisaram dados do NURC, a variável indicou as vogais médias abertas e a média fechada ante-

rior como favorecedoras e a vogal baixa exercendo papel neutro; todavia, no estudo de Aquino, a vogal baixa e a média aberta posterior é que favorecem, enquanto a média fechada anterior exerce papel neutro. No presente estudo, como vimos, a hipótese de que a vogal baixa favoreceria a ditongação não se confirmou.

A fim de conferir se os itens *mas* e *três* manteriam a liderança em relação aos demais itens num *corpus* de fala culta, analisamos o desempenho de 24 informantes do Projeto NURC, da cidade de Porto Alegre.<sup>8</sup> A expectativa foi confirmada, mostrando que a ditongação se concentra nesses dois itens, com larga vantagem para *mas*.

Examinamos ainda cerca de 300 narrativas escritas produzidas por crianças de 2ª, 3ª e 4ª séries, estudantes de escolas públicas e particulares de Porto Alegre e observamos que, dos 46 casos de ditongações apontados, 26 (56%) ocorreram na palavra *mas*, configurando-se na língua escrita o fato observado na fala.

Esse é o panorama no Rio Grande do Sul; um panorama que parece não coincidir com o de outras regiões do País. A observação de uma amostra do Estado do Pará, em fase final de levantamento dos dados, vem mostrando que, naquela região, o fenômeno deverá se manifestar um pouco diferente do que observamos no Rio Grande do Sul.<sup>9</sup> Naquela região do norte, ainda que o item *mas* se mantenha nas primeiras posições, estamos constatando que outros itens lexicais (nós, rapaz, arroz, fez, (d)as, (n)os, festejo, mês etc.) disputam a liderança. Mas este é assunto para outro trabalho.

## 5 Em busca de explicação

Após a descrição quantitativa do fenômeno da ditongação em amostra constituída por falantes de várias regiões do Rio Grande do Sul, impõe-se a questão: Por que as palavras *mas* e *três* são suscetíveis à ditongação, enquanto outras palavras com idênticos contextos fonéticos não são ditongadas?

Entre os neogramáticos, a mudança *mas* > *mais* ou *três* > *treis*, não podendo ser explicada como um caso regular de mudança sonora, seria explicada por analogia com outras formas. Assim, por analogia, *mas* (conj) mudaria para *mais* (adv), da mesma forma que *três* mudaria para *treis* por analogia a *seis*.

<sup>8</sup> O levantamento dos dados da amostra do NURC foi realizado pelas seguintes bolsistas do PET-Letras (SESU): Ana Carolina Motta e Fernanda Corrêa.

<sup>9</sup> O levantamento dos dados de uma amostra do interior do Pará está sendo concluído pela bolsista de IC (FAPERGS), Nataly Fernandes.

Tradicionalmente esse foi também o procedimento dos estudiosos da língua portuguesa ao explicar fenômenos do tipo *mas* > *mais* ou outros semelhantes. Marroquim (1934, p. 207), por exemplo, afirma: *hai é uma forma alargada de há, por analogia com trai, fai, vai, sai e cai*. Ao referir-se a fenômenos de fala refletidos na escrita de escolares, Câmara Jr. (1972, p. 42) também oferece explicação semelhante: *a ditongação da vogal diante de consoante chiantie na mesma sílaba explica "treis" por "três" e ainda a ultracorreção "mas" para o advérbio "mais", porque o aluno sente o [a] ditongado nessa posição e foi alertado contra a grafia "mais" para a conjunção adversativa "mas"*.

A relação *mas* (conj.) e *mais* (adv.) tem origem diacrônica. Sabemos que o *mas* não veio do latim como conjunção, e sim, como advérbio: *magis* > *mais*. Houaiss (2201) registra que o *magis* latino evoluiu para *mais* no português arcaico. Afirma ele: *o valor adversativo originou-se do fato de, em muitos contextos em que se usava esta partícula, a idéia de adversativa estar implícita, do que resultou a fixação desse sentido na partícula* (p. 1861).

Essas informações de caráter diacrônico, contudo, parecem não explicar, ao menos satisfatoriamente, por que razão os falantes da região sul do Brasil inserem o glide anterior, com expressiva frequência, após a vogal das palavras *mas* e *três* e não o inserem em outras palavras com contextos fonéticos idênticos.

Se admitirmos, a exemplo do que fazem os seguidores do modelo da difusão lexical, para quem a palavra é a unidade básica da mudança e que, portanto, nem sempre a mudança é foneticamente condicionada, poderemos aceitar essa 'irregularidade' na propagação do fenômeno, pois estaremos aceitando que a incidência da regra se dá desigualmente nos diferentes itens lexicais.

Conforme Krishnamurti (1978, apud Oliveira, 2003, p. 608), *dois fatores são considerados como possíveis determinantes do grau de exposição das palavras às mudanças sonoras: frequência e domínio semântico*. Além desses fatores, Madureira (1997) destaca outros mencionados pela literatura, tais como estilo de fala e *status* do item. Viegas (2004), em seu estudo sobre o acentamento da pretônica, atribuiu o poder de mudança ao grau de familiaridade do item e à sua valoração social.

No caso do presente estudo, em especial com relação ao item *mas*, não descartamos a possibilidade de a ditongação ter relação direta com a frequência da palavra, pois, na amostra examinada, esse item apresentou elevado número de ocorrências, muito superior aos demais itens. Essa possibilidade, contudo, não nos autoriza a afirmar que a regra não operaria em itens de baixa frequência, como, por exemplo, nas palavras *mês*, *traz*, etc. Além disso, há outros itens com frequência elevada no *corpus* que não foram alterados.

De qualquer modo, ainda que os resultados nos levem a afirmar que a variação e a mudança estão sendo implementadas por difusão lexical, serão necessárias investigações mais refinadas para que possamos dizer, com mais segurança, as razões da implementação da mudança a partir de determinados itens, em detrimento de outros que exibem o mesmo contexto fonético.

## 6 Síntese e considerações finais

A hipótese de que a inserção de glide em sílaba travada por /S/ é raramente observada na fala do Rio Grande do Sul deu o norte a este trabalho, ao longo do qual analisamos e discutimos o processo de formação de ditongo em quatro comunidades étnicas.

A fim de averiguar o comportamento da regra variável de formação de ditongo, submetemos os dados à análise quantitativa que teve uma seqüência de três rodadas, uma vez que alguns resultados sugeriam-nos um exame mais cuidadoso a respeito do papel de algumas variáveis.

Das três variáveis lingüísticas observadas, duas revelaram-se categóricas na primeira rodada (tonicidade e *status* morfológico da sílaba) e, portanto, foram excluídas. Restou-nos, a *vogal da base* como única variável estrutural, que, nessa primeira rodada, indicou a vogal baixa como a grande favorecedora da ditongação.

Todavia, por suspeitarmos que o desempenho dessa vogal se devia ao grande número de ocorrências da palavra *mas*, decidimos, numa segunda rodada, excluir da análise essa palavra; tal procedimento teve como resultado uma inversão no papel das vogais, apresentando agora as vogais anteriores os melhores pesos relativos, o que era esperado, pois o item *três* exibia a segunda maior frequência, superado apenas pelo *mas*. Além disso, na segunda rodada, as variáveis sociais apresentaram significativas alterações em seu desempenho, como, por exemplo, a seleção da variável escolaridade como a mais relevante, quando na primeira rodada sequer fora selecionada.

Em vista disso, organizamos uma terceira rodada, onde excluímos a variável *vogal da base* e constituímos a variável *item lexical*, tendo esta como subfatores os itens lexicais que haviam apresentado dois ou mais casos de ditongação. A análise desta vez olhou para o desempenho de cada cidade separadamente. Esse procedimento revelou que, nas quatro cidades, apenas os itens *mas* e *três* apresentaram resultados significativos. Verificamos que o item *mas* tem aplicação quase categórica em Porto Alegre e números expressivos em São Borja; já em Panambi e Flores da Cunha, os dois itens concorrem, apresentando números muito próximos, mas não tão expressivos quanto os observados nas outras duas cidades.

De posse desses resultados, julgamos que seria pertinente verificar como ocorria o processo nos indivíduos. Examinamos, então, o desempenho dos 80 sujeitos da amostra relativamente a cada um dos dez itens em que houve duas ou mais ditongações em toda a amostra. O exame nos revelou que o processo concentra-se em alguns indivíduos, mesmo em Porto Alegre, onde os pesos relativos são quase categóricos para o item *mas*.

Uma vez constatado que

- a) os itens lexicais que apresentaram inserção de glide não ultrapassam a uma dezena;
- b) o processo incidiu quase exclusivamente nos itens *mas* e *três*;
- c) a variável *item lexical* foi a única variável estrutural que mostrou favorecimento em todas as cidades;
- d) a performance das variáveis sociais não se revelou constante nas diferentes rodadas;
- e) a ditongação está concentrada em alguns indivíduos;

julgamos poder afirmar que, no Rio Grande do Sul, a ditongação em sílaba travada por /S/ parece não ter origem em fatores fonético-fonológicos ou sociais.

Entendemos, isto sim, que, ao menos no presente estágio, o fenômeno da ditongação implementa-se por difusão lexical, uma vez que a inserção do glide no *corpus* examinado é de incidência restrita a duas palavras apenas.

## Referências

- AQUINO, Maria de Fátima. Uso variável do ditongo em contexto de sibilante. In: HORA, Dermeval da (org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Pernambuco: CNPq/ILAPEQ/VALP. 2004. p. 45-54.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- . Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.* v. 10, n. 2, p. 123-140, 1994.
- . A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M.H. M. *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Unicamp, 1999. v. 1. p. 701-742.
- CÂMARA JR., J. M. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- . *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- . *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- KRISHNAMURTI, B. Areal and lexical diffusion of sound change. *Language*, v. 54, n. 1, p. 1-120, 1978.

- ELIA, Silvio. Unidade e diversidade fonética do português do Brasil. In: ———. *Ensaio de filologia e lingüística*. Rio de Janeiro, 1976.
- FURLAN, Oswaldo A. Aspectos da influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina. In: PEREIRA, C. da C.; PEREIRA, P. R. D. (orgs.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- GONÇALVES, C. A. V. Ditongos decrescentes: variação & ensino. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, v. 6, n. 5, p. 160-192, 1997.
- GONÇALVES, C. A. V.; COSTA, R. R. Sobre a interpretação fonológica dos ditongos em português. In: GONÇALVES, C. A. V.; RONCARATI, C. (orgs.). *Anais do V Congresso da Assel-Rio*. Rio de Janeiro, UFF, 1995, v. 1, p. 112-121.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KROCH, A. S. Toward a theory of social dialect variation. *Language in Society*, Cambridge, n. 7, p. 17-36, 1976.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1.
- LEIRIA, L. L. *A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /s/*. Dissertação de Mestrado em Letras. Porto Alegre: PUCRS, 1995.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. Processos em curso no português do Brasil. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisela (orgs.). *Teoria lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 232-250.
- MADUREIRA, Evelyne Dogliani. Difusão lexical e variação fonológica. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, FALE/UFMG, v. 5, n. 1, p. 5-22, 1997.
- MAIA, Clarinda de Azevedo. *Os falares fronteiriços do Conselho de Sabugal e da vizinha região de Xalma e Alamedilha*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1977.
- MALMBERG, Bertil. *A fonética*. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.
- MARROQUIM, Mario. *A língua do nordeste*. São Paulo: Nacional, 1934.
- MATEUS, M. H.; XAVIER, M. F. *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1992, v. 1.
- MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- MELLO, V. H. D. de. *Formação de ditongo em sílaba travada por /s/ na linguagem coloquial gaúcha*. Dissertação de Mestrado em Letras. Porto Alegre: UFRGS, 1994.
- OLIVEIRA, Marco Antônio de. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: ALBANO, Eleonora; COUDRY, Maria Irmã Hadler; POSSENTI, Sírio; ALKMIM, Tânia (orgs.). *Saudades da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 605-620.
- VIEGAS, Maria do Carmo. O alçamento das vogais médias pretônicas e o conceito de léxico com armazenamento exemplar. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, FALE/UFMG, v. 12, n. 2, p. 269-288, jul.-dez. 2004.